

Das perigosas travessias do aprender a viver

From the dangerous crossings of learning to live

Resenha do livro:

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. De corpos e travessias: uma antropologia de corpos e afetos. São Paulo: Annablume, 2014.

Tiago Duque^a

A escrita desta resenha do livro “De corpos e travessias: uma antropologia de corpos e afetos”, de Pedro Paulo Gomes Pereira, se deu no meio de algumas das minhas caminhadas: estava finalizando o artigo com análises iniciais da pesquisa sobre gêneros dissidentes e sexualidades disparatadas na fronteira Brasil-Bolívia, no pantanal sul-mato-grossense; iniciava as aulas de Ciências sociais no curso de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e estava ansioso pelo início do II Simpósio de Gênero e Sexualidade – corpos vigiados e a laicidade do Estado, realizado recentemente nos dias 20, 21 e 22 de maio, no Centro de Ciências Humanas e Sociais da mesma universidade, que contou com a presença de Pedro Paulo na conferência de abertura (“O queer decolonial”) e em uma das mesas de debates (“Gênero e políticas públicas: da teoria à prática”).

Retomei a leitura deste livro (porque já havia lido um dos capítulos) sabendo que ela contribuiria para essas minhas caminhadas, mas desde o início ela foi um convite a travessias. O livro é dividido em três partes: 1- a pesquisa em um refúgio para portadores de aids em Brasília e o estudo de um grupo “dissidentes da aids”, que discordavam do que chamam de “concepção oficial da aids”, em Barcelona; 2- as discussões em torno do gênero e do sexo, isto é, as dificuldades do léxico para falar o corpo, como a máquina jornalística constroem homens e mulheres, e sobre a possibilidade de o gesto político queer se abrir para saberes outros, a partir da experiência de trânsitos de corpos queer no Brasil; 3- as afecções (tudo aquilo que o corpo absolve no encontro com outros corpos, como dores e prazeres) dos profissionais de saúde em suas experiências com @s indígenas, focando as preocupações dest@s profissionais, problematizando as biotecnologias e as práticas biomédicas.

Apesar dessa divisão, a sua travessia pode ser separada em muitas direções e sentidos, conforme o próprio carminhar d@s leitor@s, exatamente pelo fato de o seu caminho estar bem claro: é preciso entendê-lo, nas palavras do autor, como sendo um “livro-experiência”, “de caminhos cruzados e de conversas”. Sendo assim, o entendi também como uma experiência para quem o lê, e não apenas para quem o escreveu. Até por isso, penso que vale a pena encará-lo como mais um dos meus recentes caminhares citados no primeiro parágrafo deste texto, e coloca-lo em diálogo com alguns pontos que têm me afetado ao longo desses caminhos.

Inspirado em Guimarães Rosa, o autor acredita que, ao caminhar, devemos compreender travessia como uma coisa da vida, perigosa. Ela apontaria para o atravessamento de fronteiras, construção de itinerários e caminhos. Esse movimento é encarado tanto na dinâmica do

^a Doutor em Ciências Sociais. Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, Campo Grande, MS, Brasil. Contato: tiago.duque@ufms.br



caminhar d@s interlocutor@s do autor, como dos conceitos usados por ele e por muitos de nós. Difícil, nesse sentido, não se afetar, isto é, mudar. É exatamente a mudança uma palavra chave para pensar os perigos, não apenas intrínseco à travessia, como igualmente necessária a ela.

Em relação às mudanças, destaco a postura do autor em refletir sobre o que provoca em profissionais da saúde a experiência da “alteridade radical”, não somente porque esse não era necessariamente o enfoque inicial da sua pesquisa, logo, implica em mudanças temáticas diante do interesse dele, mas, especialmente, o que as mudanças d@s interlocutor@s, suas formas criativas de pensar e agir, favoreceram concluir:

[...] a necessidade de se afastar de uma postura que homogeneiza a variedade de pessoas, desenha suas estratégias como mero exercícios de poder e controle, privilegiando apenas a vinculação com a medicina (considerada também como discurso homogêneo), ignorando-se a complexidade e a historicidade dos agentes (Pereira, 2014, p. 184).

Para isso, ele aponta (“de maneira sumária e despreziosa”) para uma antropologia do afeto, isto é, “uma antropologia que possa ir além da reificação e do poder”. Exatamente aquilo que ocorreu nas narrativas das histórias de Daniela e Carla, “o algo mais” nas suas experiências em saúde indígena, quando dos dilemas dos afetos e torções dos processos de tradução. Diferentemente daqueles violentos textos jornalísticos, mesmo quando possuem um tom de denuncia e condenação da violência, que, em sua própria forma, enquanto uma “tecnologia de gênero”, homogeneizam o outro, desmoralizando a experiência da alteridade, porque fragmentam @s personagens, retiram sua historicidade, construindo imagens que refletem “mulheres não constituintes”: “Aquele que escreve não se identifica com os personagens e, independentemente de sua situação, o personagem é sempre o ‘outro’, retirando o seu caráter irreduzível” (Pereira, 2014, p. 132).

Esse tipo de narrativa é absolutamente contrária à experiência etnográfica descrita por Pedro Paulo, compadecido, diante de Carlos, deitado em um leito de hospital, solitário, viciado em morfina:

A etnografia talvez possa não somente proporcionar uma quantidade considerável de informações e conclusões sobre hábitos, tormentos e modos de socialização de portadores de aids, mas fazer com que a narrativa compartilhe a dor *do* e *com* o outro. A antropologia pode tentar possibilitar que a dor do outro possa ser sentida noutros corpos. Não se trata de falar por, mas de compartilhar a fala, ou a impossibilidade dela, e de fazer com que outros participem dessa experiência (Pereira, 2014, p. 51).

Mas não é somente de dor que se faz uma travessia. Vejamos o caso de Cida, travesti “feita no batuque” (nos rituais de umbanda), que nos permite, através da sofisticada análise de Pedro Paulo, em um diálogo crítico com autores brasileiros e estrangeiros, pensar as experiências queer nos trópicos, abertas a outras gramáticas e outras formas de agir que não somente aquelas caracterizadas de forma generalizante, por exemplo, nos estudos de Beatriz Preciado. Afinal, as travestis de Santa Maria, “se definiram por atos, gestos corporais e discursos; por próteses cibernéticas e substâncias químicas, mas também por santos e entidades” (Pereira, 2014, p. 149).

A sofisticação está exatamente aí, em fazer com a teoria, o que se aprendeu a fazer com @s interlocutor@s: situá-las, e, em termos queer, deslocar e reconfigurar. Isso foi o que permitiu o autor afirmar que os conceitos de biopoder e farmacopornopoder seriam, “não obstante as pretensões universais, teorias ancoradas em histórias particulares, locais, provinciais” (Pereira, 2014, p. 140). Dito de outro modo, “Essas teorias não abordam de frente as próprias condições



de emergência do biopoder no Ocidente, pois a ação colonial é ora esquecida, ora abordada tangencialmente” (idem).

A leitura deste “livro-experiência” no atual momento das minhas caminhadas me fez questionar, entre outras coisas, o quanto o afetar-se pode estar presentes em realidades de “alteridades não radicais”, como nas minhas aulas no curso de Enfermagem, afinal, os encontros com os outros, quando se trata de narrativas em torno das questões de saúde-doença, biomedicina e ciências sociais, por meio de histórias outras (intensas como as de Daniela, Carla e Carlos, mas de jovens parecid@s com @s acadêmic@s da sala de aula, que comumente tem o preservativo na mochila, mas não necessariamente o usa em todas as suas relações afetivo-sexuais), quando contadas em sala de aula, também permitem uma reflexão que um dia pode gerar novas potencialidades no agir.

Por fim, se temos que cuidar para que nesses caminharos não induzamos a eterna repetição (periférica) de teorias (centrais), sem que exista a devida atenção às resistências das realidades observadas, isso implicaria em muito mais do que torções teóricas. Há que pensarmos em mudanças metodológicas. Nesse sentido, quais os limites da identificação, do afeto (que gera afecção) para o trabalho etnográfico, quando em contextos de prazer, e não de dor? Por exemplo, na realidade geograficamente fronteira da cidade de Corumbá (MS), onde as linhas que separam o meu campo e o meu sexo não são facilmente demarcadas/controladas?

Quais seriam os limites das travessias, ou os perigos mais temidos? Afinal, não há garantia de sentido e direção quando dos encontros com a alteridade. Temidos no sentido de nos levar a caminhos que, depois de eu estar convencido que se faz necessário mais do que uma antropologia de corpos e fetos, mas uma Ciências Sociais de corpos e afetos, vão ao sentido oposto a essa proposta teórico-política do autor, cheios de riscos de nos levar para reificação ou reprodução de um poder que busca evitar ou não evidenciar os afetos, as mudanças.

Dito de outro modo, inspirados em Pedro Paulo, provocado pela leitura deste livro e também por sua fala no referido Seminário citado no início deste texto, como fugir a caminhada que não nos levará à travessia em direção a uma ciência que tomará as ideias de nossos interlocutores como conceito, como conceito que “comporta pelo menos duas outras dimensões, as do afeto e as do percepto, indispensáveis para o movimento, para o devir.” (Pereira, 2014, p. 22)? Não saberia responder, e, talvez não exista mesmo uma resposta pronta, afinal, segundo o próprio Guimarães Rosa, “aprender a viver é o que é o viver mesmo...”.

Recebido: 30 maio, 2015
Aceito: 05 jun., 2015